

Salários levam brasileiros para o Japão

Alguns trabalhadores estão embarcando para o Japão atrás de dias melhores e pagamento feito em dólar

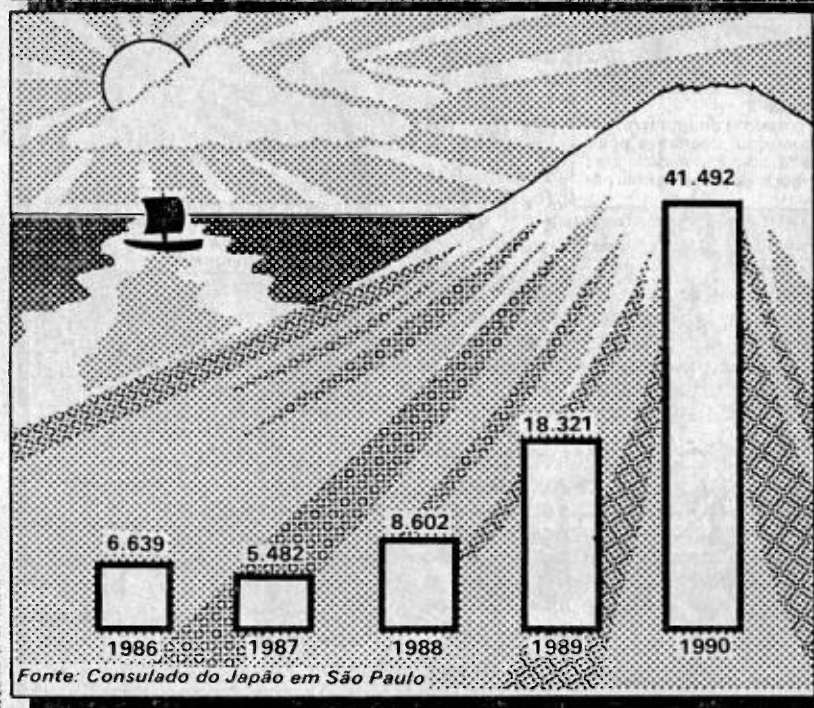
LINA DE ALBUQUERQUE
e MITSUHITO SAITO

O recente êxodo de trabalhadores nipo-brasileiros no Japão está sendo acompanhado por uma nova tendência, segundo uma estatística publicada pelo Departamento de Imigrações do Japão: chefes de família chegam na frente e depois de alguns meses chamam o restante dos familiares. Com mãe, pai e irmão morando no Japão, o curitibano nissei Sérgio Nakanishe, de 25 anos, que passou um ano trabalhando em fundição de rodas de alumínio em Tóquio, fez questão de inverter essa tendência. Depois de seus pais terem vendido a casa em que moravam no Brasil, ele acabou de retornar a Curitiba para viver com a namorada. Com parte de seu salário de cerca de US\$ 3 mil, remetido a ela todos os meses, pretendem começar uma nova vida.

"Não consegui me adaptar por causa das barreiras da cultura e da língua", admitiu Nakanishe no Aeroporto Internacional de São Paulo—Guarulhos, enquanto aguardava o voo para Curitiba. O mesmo avião chegado de Tóquio trazia também os irmãos sanséis Júlio e Fernando Ide, de 21 e 23 anos, que foram operários de uma tecelagem no Japão durante sete meses. Ao contrário de Nakanishe, porém, Fernando voltou empenhado em convencer a sua namorada, a psicóloga Ivete Namie, de 25 anos, a tentar a vida com ele no próximo ano como uma dekassegui, denominação dos

Volta para o Oriente

Os vistos de entrada concedidos aos descendentes de japoneses nos últimos cinco anos



ASSUMPCÃO: ArelEstado

milhares de descendentes de japoneses que trabalham no Japão.

A estatística do Departamento de Imigrações do Japão revelou que, apenas no primeiro semestre do ano passado, 32.078 brasileiros, a maioria descendentes de japoneses, entraram no país. Calcula-se que cerca de 70 mil trabalhadores nipo-brasileiros estejam hoje espalhados pelo Japão. O Consulado do Japão em São Paulo tem uma amostra bastante expressiva do aumento do êxodo de brasileiros no Japão. Se no ano de 1986 e 1987 foram emitidos 6.639 e 5.842 vistos de saída, respecti-

vamente, em 1988 este número subiu para 8.602, em 1989, avançou para 18.321. E em 1990, o Consulado emitiu nada menos de 41.492 vistos, de acordo com a vice-cônsul Hitomi Watanabe.

Uma das maiores concentrações destes trabalhadores pode ser verificada em Toyota, sede da empresa de automóveis do mesmo nome, e outras cinco cidades adjacentes, com um total de 5.280 portadores de nacionalidade brasileira. Os trabalhadores do Brasil têm sido ali uma espécie de salvação para a indústria automobilística que sofre de falta crônica de mão-de-obra. No



Glovis Ferreira/AF

Sérgio Nakanishe: sem se adaptar à cultura e à língua japonesa

entanto, dependendo do prolongamento da crise no Golfo Pérsico, os estrangeiros podem ser os primeiros a serem cortados em caso de recessão.

Assim que chegou ao Japão, em agosto do ano passado, o nissei paulista Milton Fukioto, de 43 anos, ex-funcionário do Banco América do Sul, foi trabalhar numa linha de montagens de uma empresa filiada à Toyota. "Era um trabalho realmente duro, porque eu nunca tinha segurado coisas mais pesadas que telefones para trabalhar", disse ele. O serviço de Fukioto era colocar tanques de combustível com capacidade de cem litros

nos carros. Hoje ele recebe um salário de cerca de US\$ 2.500 como torneiro mecânico na fabricação de calotas de alumínio. "A minha intenção era ficar aqui durante dois anos, mas já não estou agüentando mais", reconheceu ele, que compartilha um minúsculo apartamento de dez metros quadrados com um colega brasileiro e tem mulher e duas filhas no Brasil.

"Muitos trabalhadores brasileiros vêm ao Japão com a ilusão fomentada por agências de recrutamento de mão-de-obra no Brasil", afirma Mário Brasil, estudante bolsista de pós-graduação e um dos mem-

bro fundadores do Comitê de Apoio aos Trabalhadores Latino-Americanos (Catla). Segundo as informações do Catla, em menos de um ano, dois trabalhadores nipo-brasileiros morreram, três perderam a mão ou dedos em acidentes de trabalho e os empregadores esquivaram-se do pagamento da indenização. "As agências prometem tudo, inclusive seguro contra acidentes, mas muitas delas não cumprem o que dizem", garante ele. Quem tem planos de se tornar um dekassegui nos próximos anos, aconselha Brasil, deve chegar ao Japão munido do telefone do Catla — (03) 770-0735.